

TECENDO OS FIOS DA MEMÓRIA: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE TORCEDORAS ORGANIZADAS NO RIO DE JANEIRO

Rosana da Câmara Teixeira¹

Resumo: O presente artigo traz reflexões a partir de um balanço inicial de um conjunto de entrevistas realizadas entre 2019 e 2022 com dez torcedoras pertencentes a torcidas organizadas do Rio de Janeiro. Através das trajetórias e experiências das interlocutoras pretendeu-se compreender os significados atribuídos à iniciação no universo do futebol e à adesão à torcida. O estudo parte do pressuposto que a paixão não é um sentimento espontâneo, natural, mas uma categoria êmica, que ganha sentido no contexto de redes tecidas por e para sujeitos específicos, sendo fruto de aprendizagens sociais. Do ponto de vista analítico, a paixão é uma espécie de matéria-prima para conhecer o mundo do outro, conhecimento esse que se torna possível através de discursos, práticas e ações concretas. O processo de análise se deteve tanto nos aspectos singulares dos percursos de vida de cada colaboradora, quanto nas recorrências. Tal estratégia teve o intuito de construir alguma totalidade, a partir dessa pluralidade, arriscando possibilidades interpretativas acerca dessa experiência social. As narrativas das torcedoras organizadas cariocas descortinam histórias e desafios enfrentados para defender sua inserção e ação em variadas esferas e dinâmicas dessas agremiações. Assim, o trabalho aspira contribuir para redimensionar as interpretações sobre o lugar, o papel e a efetiva participação das mulheres na história do torcer e dar visibilidade às suas lutas contra as hierarquias de gênero no futebol.

Palavras-chave: Torcedoras organizadas; futebol; memória; paixão; gênero.

Abstract: This article presents reflections based on an initial assessment of a set of interviews conducted between 2019 and 2022 with ten female supporters who are members of organized supporter groups in Rio de Janeiro. Through the interlocutors' life trajectories and experiences, the study sought to understand the meanings attributed to initiation into the world of football and to engagement with supporter groups. The study is grounded in the assumption that passion is not a spontaneous or natural feeling, but rather an emic category that acquires meaning within networks woven by and for specific subjects, emerging from processes of social learning. From an analytical perspective, passion functions as a kind of raw material for understanding the other's world, a form of knowledge made possible through discourses, practices, and concrete actions. The analytical process focused both on the singular aspects of each collaborator's life and on recurring patterns. This strategy aimed to construct a sense of totality from this plurality, taking interpretive risks regarding this social experience. The narratives of women involved in organized supporter groups in Rio de Janeiro reveal the

¹ Professora Associada da Faculdade de Educação (UFF). Pós-doutorado (Museu Nacional - UFRJ); Doutorado (PPGSA - UFRJ). Pesquisadora do Laboratório de Educação e Patrimônio Cultural (FEUFF). Email.: rosanat@id.uff.br

stories and challenges they face in asserting their presence and agency across different spheres and dynamics of these associations. Thus, the article seeks to contribute to reframing interpretations of the place, role, and effective participation of women in the history of football fandom, while also giving visibility to their struggles against gender hierarchies in football.

Keywords: Organized female supporters; football; memory; passion; gender.

Introdução

O presente artigo traz reflexões a partir de um balanço inicial de um conjunto de entrevistas realizadas entre 2019 e 2022 com dez torcedoras pertencentes a torcidas organizadas do Rio de Janeiro. No trabalho de campo sobre as torcidas jovens cariocas, realizado em 1997 durante o mestrado, tive muita dificuldade em estabelecer contato com as torcedoras. Assim, a participação feminina foi caracterizada a partir das visões dos homens, que, em geral, ressaltavam a presença e a importância da mesma. No entanto, em seus discursos, ficava evidente que avaliavam essa participação de modo diferenciado em comparação à atuação dos homens. Essa diferença estaria relacionada a dificuldades das próprias mulheres “não se sentindo à vontade em papéis de liderança” (TEIXEIRA, 2004, p.57), ou ainda por acreditarem que não são tão unidas quanto eles, estando mais sujeitas a desavenças entre si, sendo recorrentes brigas e fofocas que exigiam intervenção. Na perspectiva de Silvia Federici (2019), para compreender como a opressão de gênero funciona e se reproduz é importante atentar para palavras comumente utilizadas para definir ações, atitudes e comportamentos das mulheres. Nesse sentido, a história do termo fofoca (“gossip”) seria emblemática. A palavra, que expressava amizade, sociabilidade e solidariedade feminina durante a Idade Média e, particularmente, na sociedade inglesa pré-moderna “quando a maioria das atividades realizadas pelas mulheres era de natureza coletiva” (p. 3), se transformou pouco a pouco. Com o fortalecimento da autoridade patriarcal na família e subsequente exclusão das mulheres dos ofícios, o vocábulo passa a designar a conversa fútil, maledicente, assumindo, por conseguinte, um sentido depreciativo.

Eu identificava esse tom depreciativo quando os meus interlocutores afirmavam que o engajamento e a fidelidade das mulheres dependeriam muito mais da relação que mantêm com os outros - namorados, irmãos, amigas

(TEIXEIRA, op. cit.). Dessa forma, observava, a existência de uma hierarquia simbólica, afetiva e organizacional, pois, segundo eles, a paixão da torcedora não tinha o mesmo peso e valor daquela demonstrada pelo torcedor, sendo, por isso, muitas vezes desqualificada. Ademais de um sentimento, a paixão, categoria êmica, possui a capacidade micropolítica “de dramatizar, reforçar ou alterar as relações de poder” daqueles que as sentem e expressam” (VICTORA; COELHO. 2019, p. 11).

Os obstáculos encontrados para minha inserção nesse campo de pesquisa, naquela ocasião, decorrentes de desconfianças e rivalidades, impossibilitaram que eu avançasse em uma discussão sobre as questões de gênero. Contudo, acalentei esse projeto durante anos. A oportunidade de concretizá-lo surgiu no segundo semestre de 2019, quando reencontrei, em um grupo de torcedores organizados no WhatsApp, uma torcedora que conheci em 2014, em uma reunião realizada pela Associação Nacional da Torcidas Organizadas (ANATORG)² na Fundação Progresso, Rio de Janeiro.³ Tão logo fui adicionada, ela me cumprimentou com entusiasmo. Sua atuação era notável, opinando sobre várias temáticas e controvérsias, o que resultou, em muitas ocasiões, em discussões acaloradas, especialmente com os integrantes homens, que eram a maioria ali. Depois de algum tempo, me animei e resolvi enviar uma mensagem privada propondo um bate-papo. Ela foi muito receptiva e combinamos na semana seguinte. A entrevista durou cerca de duas horas em uma lanchonete no centro da cidade. Em seguida, ela me convidou para visitar a sede da torcida, que fica na mesma rua em que estávamos. Lá, realizei alguns registros fotográficos e finalizamos nossa conversa. Motivada pelo sucesso dessa iniciativa, decidi entrar em contato com membros de torcidas que conheço há bastante tempo (alguns ex-líderes) solicitando a intermediação junto a possíveis interlocutoras. No decorrer do percurso contei, ainda, com indicações de uma torcedora e de uma estudante

² O I Encontro de Conscientização pela Paz nos Estádios reuniu integrantes da Força Jovem do Vasco, agremiação que estava punida e, portanto, proibida de comparecer aos estádios. A ANATORG foi criada em 2014 com o objetivo de estabelecer relações de cooperação entre grupos rivais, dar trégua em suas desavenças históricas e definir uma agenda de reivindicações para lutar no espaço público pelo direito de torcer. (TEIXEIRA, 2018; TEIXEIRA; LOPES, 2017).

³ Centro cultural e casa de espetáculos situado no bairro da Lapa, na região central da cidade do Rio de Janeiro.

do mestrado que realizava pesquisa em uma torcida jovem. Gradativamente a rede de colaboradoras foi se constituindo.

Esta pesquisa preenche uma lacuna nos debates sobre gênero nos estudos inaugurais e possibilita revisitar meu próprio trabalho, abrindo novos ângulos de análise. Nessa jornada, destaco investigações desenvolvidas nos últimos anos por pesquisadoras sobre as histórias e lutas das torcedoras nas arquibancadas (COSTA, 2020; MANDELI, 2021; PESSANHA, 2020;) e, particularmente, aqueles dedicados a abordar a presença das mulheres nas torcidas organizadas (ANDRADE, 2022; CAMPOS, 2010; MORAES, 2018; SILVA, 2016).

As narrativas das torcedoras organizadas cariocas descortinam sentimentos e significados atribuídos ao torcer, histórias e desafios enfrentados para defender sua inserção e ação em variadas esferas e dinâmicas da organização. O artigo está estruturado em duas sessões. A primeira versa sobre o contexto das entrevistas e apresenta informações sobre o perfil das entrevistadas. A segunda se detém sobre a iniciação no universo do futebol e a adesão à torcida a partir de trechos selecionados dos relatos. Nas considerações finais, retomo alguns pontos principais aqui discutidos visando a continuidade do trabalho.

1. As entrevistas: um modo particular de encontro e interação

Conforme mencionado anteriormente, entre 2019 e 2022 foram realizadas dez entrevistas de história de vida. A faixa etária das torcedoras varia dos 31 aos 58 anos. O ingresso nas agremiações ocorreu no período que vai de 1973 a 2006. Seis residem na zona norte, duas na zona sul, uma no município de São Gonçalo e uma no estado do Espírito Santo. Quanto à ocupação profissional um cenário bastante diversificado foi encontrado: professora de educação física e assistente administrativa; professora primária aposentada; do lar (exerceu funções como secretária e vendedora); área de vendas; animadora cultural que trabalha embarcada em um cruzeiro; do lar e cuida do pai (já trabalhou em academia, escritório, em firma de limpeza, no clube de futebol), operadora de caixa em supermercado; secretária, técnica em enfermagem e representante de vendas. De diferentes gerações, estas torcedoras vivenciaram distintas conjunturas socioculturais, políticas e econômicas do futebol profissional e das próprias

associações que integram. Todas exerceram funções administrativas na torcida, algumas em cargos de direção. Muitas colaboraram na constituição, organização, coordenação ou reativação do grupo feminino.

As entrevistas tiveram a duração média de duas horas a partir de um roteiro semiestruturado organizado em torno dos seguintes tópicos: perfil (idade, escolaridade, profissão, estado civil, pais, relações familiares, bairro); iniciação como torcedora de futebol; entrada e convivência na torcida; grupos femininos; machismo, sexismo, preconceitos e opiniões sobre o futuro das torcidas. A ideia era propor um itinerário que orientasse a reconstrução dos caminhos percorridos ao longo do tempo, com ênfase nos acontecimentos e obstáculos experienciados, conhecimentos e aprendizagens que obtiveram. Na prática, cada encontro assumiu um desenho próprio derivado dos interesses e memórias que emergiram.

Os dois primeiros ocorreram no segundo semestre de 2019 (um em uma lanchonete e o outro, na cafeteria de uma livraria). Todavia, em março de 2020, a deflagração da pandemia da covid-19, causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, gerou um cenário de inúmeras incertezas, caracterizado pela exigência de distanciamento social e protocolos sanitários e pela expectativa de produção e distribuição de vacinas. Em vista disso, o trabalho de campo foi interrompido, sendo retomado meses depois, em dezembro de 2020. Àquela altura, vivíamos um outro momento no quadro pandêmico, com informações detalhadas sobre a disseminação do vírus, o esquema vacinal em andamento e os protocolos de controle e segurança (o uso de máscaras e a utilização de álcool em gel) ampla e massivamente divulgados pelos meios de comunicação.

Nessa conjuntura, a interação mediada por tecnologias ganhou força e se disseminou. Por isso mesmo, as outras oito entrevistas aconteceram de forma digital, através da plataforma *Google Meet*, e a maioria acessou a mesma através do uso do celular. Inicialmente, temi que a ausência do contato face a face afetasse o processo. Mas, para minha surpresa, todas aceitaram prontamente o convite e a comunicação fluiu⁴. Dia e horário foram previamente combinados pelo

⁴ Sem dúvida, a abertura encontrada para o diálogo se deve, também, ao fato de ter uma trajetória nos estudos sobre torcidas de futebol. Estar ao lado das associações, em debates na arena pública,

WhatsApp, meio através do qual realizava a primeira aproximação, me apresentando e fazendo o convite. No dia marcado, começava relatando meu interesse na pesquisa, discorrendo um pouco sobre a minha trajetória (algumas já conheciam) e pedindo permissão para gravar.

Alguns elementos chamaram a minha atenção. Elas me “recebiam” em suas casas, sempre uniformizadas com as camisas das suas torcidas. Nos primeiros momentos após a “chegada” percebia uma empolgação com a situação, havia um clima amigável no ar. Durante a conversação, fazíamos pausas para mostrarem coleções de camisas, bandeiras, copos, objetos que ganharam de torcidas amigas. Exibiam fotos, matérias de jornal, que algumas entrevistadas, inclusive, enviaram depois.

Mais do que método qualitativo de obtenção de dados, as entrevistas através de perguntas e respostas configuram uma dimensão central na formação contínua e incessante do ofício do antropólogo, caracterizada por aprendizagens e imponderáveis. Trata-se de um modo de interação singular, cujo sucesso depende da sinergia que se estabelece. Consiste, portanto, na forma como percebo, em uma modalidade particular de encontro e sociabilidade. No afã de compreender a adesão à torcida como projeto de vida, observava o modo como expressavam suas emoções através de palavras, expressões, gestos, entonação, pausas e o modo como iam elaborando o raciocínio e dando suas opiniões.

Eu observava e participava, interferindo com algum comentário, fazendo um contraponto ou voltando a determinado aspecto que gostaria de aprofundar. A despeito dessa estratégia, acionada com medo de perder o foco e de não conseguir tratar questões que me pareciam cruciais, o fato é que, em boa parte do tempo, me deixei levar. Me diverti com episódios de viagens, situações de jogo em estádios, cenas jocosas que detalhavam, mesmo em momentos críticos e difíceis. Me comovi com suas confissões ao lembrar de emboscadas que resultaram na perda de amigos, de tragédias na vida pessoal como a morte de um filho. Essa forma de interação possui um potencial educativo (INGOLD, 2019). Estava ali aprendendo com suas jornadas e vivências tão diferentes das minhas, mas, ao mesmo tempo, compartilhando desafios e lutas que nos aproximam em

sendo identificada, muitas vezes, como alguém que as apoia na luta por direitos favoreceu a aceitação.

alguma escala, mas sem perder de vista os desafios que colocavam às minhas concepções. Sabemos que os discursos são construídos em virtude das demandas, orientados para quem falamos em situações sociais específicas de contato. Mas a relação de confiança e correspondência são fundamentais para que as pessoas se sintam à vontade para tratar de certos temas mais delicados como confrontos e mortes, segredos e vida clandestina.

Metodologicamente, há uma questão importante a ser avaliada. Diferentemente do contato prolongado, como preconizam os estudos antropológicos, o encontro com as entrevistadas aconteceu uma única vez. Assim, compartilho a provocação de Naves (2006, p. 156) quando argumenta acerca da possibilidade de a entrevista ser pensada como uma “obra em si”, ou seja, caracterizada pelo “zelo antropológico no sentido de não separar empiria e teoria”.

A despeito da heterogeneidade quanto à origem social, distribuição ocupacional, diversidade étnico-racial e geracional, o conjunto de histórias reunido indica que o convívio nas associações, compartilhando valores, ideais, símbolos, linguagens, técnicas corporais, formas de interação e ação, dificuldades e conflitos, possibilitou que comungassem de uma certa definição social da realidade, transitando na mesma província de significado (VELHO, 1994, p. 17).

Através da rememoração, estimulada pelas minhas indagações, elas iam tecendo os fios da memória buscando conexões e sentidos entre as várias fases e faces da experiência torcedora. No processo de análise dos relatos, procurei observar tanto os aspectos peculiares dos percursos de vida de cada uma, quanto aqueles recorrentes. Tal estratégia teve o intuito de construir alguma totalidade, a partir dessa pluralidade, e não apenas acumular detalhes e fragmentos que não conversassem entre si e, assim, dizer algo mais, arriscando possibilidades interpretativas (MAGNANI, 2009). Na próxima sessão, essas questões serão aprofundadas.

2. Paixão, associativismo e memória: trajetórias e narrativas das torcedoras organizadas

“A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está

interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso". (BENJAMIM, 1994, p.205).

Antes de me debruçar sobre as falas das torcedoras, gostaria de sublinhar que não as considero “depoimentos comprobatórios de uma experiência” a ser desvendada. As crônicas, pontos de vista e interpretações aqui reunidos precisam ser situados no campo das “conversações” interessadas. Isso significa que ao convidá-las para este “bate-papo” tinha em mente um conjunto de questões e a preocupação de aproveitar essa oportunidade, treinando a minha atenção e escuta. Assim sendo, o itinerário trilhado seguiu direções e encaminhamentos impossíveis de serem antecipados em virtude da própria dinâmica do ato de narrar.

Há algo que acontece ali, naquela circunstância em que se desenrola o “contar”. Isso significa que as imagens do passado não permanecem preservadas nas galerias do pensamento, precisando apenas serem adequadamente acionadas para se manifestarem. Com efeito, é na vida social que encontram as indicações para serem reconstruídas revelando que a memória é antes de tudo, um fato social, uma atitude cultural (HALBWACHS, 1990). Logo, lembrar implica seguir pontos de referência, do presente para o passado, com base nos vínculos com família, vizinhança, amigos e trabalho. O sujeito que narra, ao trabalhar artesanalmente sua matéria prima, que é a experiência, apoia-se em referências temporais e espaciais, mobilizando suas lembranças e/ou aquelas relatadas por outros (BENJAMIM, 1994, p. 201), sentindo-se livre para selecionar, examinar episódios e situações que ganham ali uma configuração própria, relegando outros ao esquecimento. Para Pollak (1992, p. 204) acontecimentos, pessoas/personagens e lugares são elementos constitutivos da memória individual ou coletiva e a sua organização sofre a influência das preocupações do indivíduo no momento em que a constrói, realçando ou excluindo consciente ou inconscientemente certos aspectos.

Esse raciocínio nos leva a outro. Há uma estreita relação entre memória e sentimento de identidade, a imagem construída para si e para os outros. Por conseguinte, todo ato de rememorar se situa em relação a outros destinatários e

interlocutores. Memória e identidade são, pois, “valores disputados em conflitos sociais e intergrupais”. (POLLAK, 1992, p. 205). A fabricação da autoimagem não escapa das relações de alteridade e se dá, portanto, no confronto com o Outro. Ao tentar dar coerência ao caminho percorrido, também se desenham possíveis futuros, indicando intenções e disposições para alcançá-los. Como assinala Gilberto Velho “São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado das suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória” (1994, p. 101). Esses argumentos serão retomados à luz das exposições das torcedoras.

2.1. Da iniciação no universo do futebol⁵ ao engajamento na torcida organizada

Conforme alguns estudos já evidenciaram (ANDRADE, 2022; DAMO, 2012; TEIXEIRA, 2004), os laços familiares são importantes na identificação com o clube de futebol. Nas falas que se seguem observamos o lugar estratégico conferido aos mesmos nessa iniciação, com destaque para a figura paterna:

“Como eu disse pra você, minha família por parte da minha mãe é toda italiana. E como você pode ver, minha casa, aqui atrás, tudo é tricolor. E eu puxei pro lado do Fluminense, sempre pedi ao meu pai pra me levar pro jogo, eu sempre fui assim. Eu sempre queria ver o Fluminense e tal.” (YF, 58 anos).

“Meu pai jogou no Flamengo, mas depois foi contratado pra trabalhar num banco, o Banco do Estado de MG. A irmã dele fez atletismo lá [...]. Daí já começou né, minha mãe era Flamengo, meu pai era Flamengo. Na época tinha a praia do Pinto, era a favela onde ele morava. Ele pulava o muro do Flamengo e acabou sendo chamado pra jogar. Logo depois ele saiu, ele jogava e trabalhava pelo banco.” (TJF, 57 anos).

“Meu pai era flamenguista doente e salgueirense. As pessoas falam que eu sou Flamengo por causa do meu pai, mas não é, se fosse por causa do meu pai eu seria Salgueiro, porque a intensidade que ele vivia o Flamengo, ele vivia o Salgueiro. Mas eu sou Mangueira. O sentimento aflorou na final do Mundial em 81, quando meu pai me levou numa lanchonete para assistir ao jogo pela televisão. Foi naquele Mundial que despertou isso tudo em mim. Eu chorei tanto, eu vibrei tanto com o Mundial do Flamengo, eu era criança, mas lembro perfeitamente de cada detalhe do jogo. Tinha 12 anos.” (TJF, 52 anos).

⁵ Para preservar a identidade das interlocutoras, nos trechos selecionados para a análise, optou-se por mencionar a sigla da associação a qual pertencem e a idade.

“Sempre tive uma ligação com ele (o pai), uma conexão muito forte. Férias eu passava na casa dele. Ele que é o vascaíno da família, que me fez ser vascaína. Minha mãe também é, mas quem incentivou foi ele. Mas a minha relação maior sempre foi com minha mãe, é minha amiga, irmã, parceira.” (FJV, 32 anos).

Se no imaginário popular tende a prevalecer a ideia de que a paixão pelo futebol é herdada, passando dos pais para as filhas e filhos, isto não constitui uma regra. Em muitos relatos, outras influências e mediadores entram em campo na definição do pertencimento clubístico.

“Meu pai diz que me perdeu pro Túlio, para o título de 95. Na verdade, ele tem três filhas mulheres, ele é vascaíno doente, e eu fui a única que tive esse gosto por futebol desde muito nova. E a gente sempre assistia futebol juntos, qualquer jogo de qualquer time. E ele naquilo de Vasco, e eu não, sou Botafogo. Eu acho que no início tinha aquela coisa de contrariar, ser do contra, não sei explicar porque eu era bem nova, mas tinha um pouco isso. [...]. Minha mãe já dizia que era Botafogo, porque o pai dela era Botafogo, eu comecei a falar “sou Botafogo”. Eu sou geração Túlio total, me apaixonei, recortava foto do jornal, colava, fazia álbum.” (LPB, 34 anos).

Ainda que pese a influência da mãe botafoguense, a idolatria desponta como um fato indiscutível quando a torcedora afirma sua condição de fã do jogador Túlio: “meu pai me perdeu pro Túlio”, “sou geração Túlio total, me apaixonei”. O sentimento da paixão desencadeia a prática do colecionamento que, por sua vez, fortalece a identificação.

Em geral, para explicar “como se deu” a adesão ao clube, fatos e personagens são acionados. Amigos e vizinhos aparecem como personagens centrais na ida ao estádio:

“Tipo, eu não tenho essa parada do pai ter me levado nos jogos e tal, porque meu pai é flamenguista. Então, o primeiro jogo que eu fui foi com amigos, foi um Flamengo e Botafogo, no Maracanã. Então, eu não fui herdeira dessa paixão alvinegra, porque meu pai era Flamengo.” (FJB, 32 anos).

“(O vizinho) era fluminense doente, lá da rua. Aí ele chegou pra minha mãe e falou: “deixa ela ir comigo no Maracanã?”. Final Fluminense e Bangu, de 1983. Primeira vez no Maracanã, nunca tinha ido. Aí ela falou: “não vai perder minha filha lá não hein”. Minha mãe estava pressentindo que alguma coisa iria acontecer. 115 mil pessoas. [...]. Arquibancada de cimento que quando jogavam o pó de arroz a gente tomava uma estabacão, entendeu?! [...]. Eu não sabia o que era torcida. Aí cheguei lá e ficamos na parte da torcida toda de branco. Que até então eu não sabia que era a Young Flu, nem passava pela minha cabeça. Era muito lotado, a gente pra sacudir o braço já era difícil. [...] Todo mundo saindo e cadê que ele me levou? Me esqueceu na arquibancada. Eu saí no meio daquele povão e falei “vou parar aqui”, que eu era pequena e magrela. Aí eu parei numa porta branca, sentei e fiquei esperando. O povo saindo e nada, saindo e nada... Aí chegou um senhor e

falou: “o tio quer abrir aí”. Eu falei: “essa porta, moço?”, ele: “é, porque vou botar as bandeiras aí”. Você tá esperando alguém?”. Eu falei: “estou perdida”. “Você mora onde?”. Eu falei: “moro em Bonsucesso”. “Tu tá perdida, tu não veio com ninguém para o Maracanã?”. Falei: “vim com meu vizinho, mas ele sumiu”. Ele falou: “eu moro em Vicente de Carvalho, posso te levar em casa”. Eu falei: “não vai me levar em casa, não. Eu vou chamar a polícia porque a minha mãe disse pra eu não ir embora com ninguém. Se acontecer alguma coisa, não ir embora com ninguém”. Aí ele: “mas eu sou responsável, sou chefe da torcida aqui, da Young Flu. Meu nome é Armando Giesta, pode deixar que eu vou te levar em casa. Ainda vou dar uma bronca na sua mãe e no seu vizinho porque ele tinha que estar de mãos dadas com você”. Aí eu falei: “tá bom”. Mas eu chorava, chorava... Aí guardaram as bandeiras e tudo, ele me levou até Bonsucesso. Chegando lá ele deu um esporro na minha mãe... Aí eu fiquei com aquilo na cabeça... Young Flu, Young Flu...” (YF, 49 anos).

O incidente, descrito em tom jocoso, descreve a atmosfera catártica da arquibancada de cimento do Maracanã, nos anos 80. Apesar de ter sido “perdida” ao final do jogo, situação que gerou apreensão e medo, o evento foi determinante para que se estabelecesse um elo com clube e torcida. Especialmente porque foi justamente o líder da torcida, Armando Giesta⁶, que a encontrou e levou para casa.

Porém, há situações em que torcer para um clube e entrar para a torcida se vinculam diretamente à influência de familiares, como nos casos abaixo, o irmão e a mãe, respectivamente, desempenham papel decisivo:

“Eu tenho 37 anos. Sou de família portuguesa, mas nasci no Brasil, acho que isso explica muita coisa porque torcer pelo Vasco da Gama e consequentemente meu amor pela Força Jovem do Vasco. Eu iniciei na torcida muito criancinha (1993), muito pequenininha, magrinha, com 13 anos de idade por influência do meu irmão, 3 anos mais velho. A gente já ia para os jogos, já ficávamos no setor destinado à torcida, porém não éramos componentes oficiais da torcida. A gente sempre passava por um bar onde ficavam muitos vascaínos assistindo os jogos, colocavam bandeiras antes do jogo acontecer, né. Por exemplo, o jogo começava às 16h, mas 9h o povo já estava nesse bar com bandeiras, soltando fogos e a gente sempre passava nesse bar, ali no Rio Cumprido. Um belo dia as pessoas chamaram o meu irmão, que já era da torcida, e me chamaram: “ela é sua irmã? Leva ela pra torcida também.” (FJV, 37 anos).

“Quando eu entrei pra torcida, ela (a mãe) entrou junto. Ela fez carteirinha. Com o passar do tempo ela foi se afastando, hoje é raro ela ir em jogo. Eu que continuo indo mais. Mas ela era da torcida mesmo. [...] Aí num jogo, nós falamos que íamos entrar pra Força Jovem e um rapaz mandou a gente procurar a G, que era a responsável pela família feminina. Procuramos ela e

⁶ Depoimento de Armando Giesta (1928-2011), torcedor-símbolo do Fluminense, ex-presidente da Young-Flu e fundador da ASTORJ (Associação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro), em 1981.

nunca mais paramos. Mas desde o início minha mãe foi comigo. Tinha 17 anos. Foi em 2007.” (FJV, 32 anos).

A decisão de se filiar a uma agremiação é fruto de observações, avaliações, relações estabelecidas na vizinhança, no estádio e/ou de contatos em redes sociais. A exibição encantadora da torcida na arquibancada e o desejo de fazer parte daquele coletivo, além do acolhimento e incentivo de lideranças e colegas figuram como aspectos definidores.

A próxima rememoração salienta a receptividade com que Armando Giesta, líder da Young Flu acolhe a recém-chegada, que passa a trabalhar com ele para reerguer e fortalecer a torcida. O laço de confiança que se estabelece entre os dois garante que ela atue conjuntamente no gerenciamento da instituição, tendo inclusive criado o slogan que a notabilizou:

“Aí fiquei ali, mas eu me encantei pela Young. A bagunça, eu gostava da bagunça, do batuque. Aí eu fui pra Young, quando eu cheguei na Young nos anos de 73, mais ou menos, a Young era muito pequenininha, a Young estava quase falindo. Aí eu encontrei o seu Armando. Aí ele falou assim, “poxa, olha como está a Young. Ninguém quer pegar a Young, mas eu vou pegar. Eu vou levantar essa torcida. [...] Eu falei: “mas como o senhor vai levantar essa torcida?” Ele tinha uma firma em Pilares, aí a sede da torcida passou a ser em Pilares. Conheci ele no Maracanã. Eu acho que eu tinha uns 16, 17. [...] Aí ele falou assim: “a gente vai levantar essa torcida”. Começamos a fazer camisa, tudo na sede. Sempre eu trabalhei, meu pai sempre ensinou que a gente tinha que começar a trabalhar cedo. Eu estudava e trabalhava. Aí ele falou: “olha, a minha firma tá mais do que falida”. Eu falei: “Nossa Senhora, torcida falindo, firma falindo”. Ele falou: “você tem cheque?” Eu falei: “tenho”. Aí ele falou: “nós vamos comprar tudo no seu cheque”. Aí eu botei as mãos na cabeça e falei: “ai meu Deus do céu, como isso vai ser?”. Ele falou: a gente vai dar um jeito. O jeito de pagar a gente cobre”. Seu Armando tinha a firma em Pilares. Que era uma firma de anilina. Ele fazia coisa pra carnaval, só que estava já falindo. Aí o que aconteceu, nós compramos tudo, mas na hora de pagar não deu pra cobrir o cheque (risos). E eu fiquei um bom tempo sem poder comprar nada. Depois o tempo passou [...] e a torcida foi crescendo aos poucos. Aí teve um jogo de basquete no Maracanãzinho. Ele falou assim, “filha, você é minha filha [...] eu quero que você crie um slogan pra torcida. Todo mundo tem slogan, só a minha torcida que não tem”. [...] Aí eu estava vendo um jogo de basquete, de repente eu falei assim: “Young Flu, uma paixão em torcida”. Serve?”. Ele falou: “serve, vai ser esse”. E esse slogan é usado até hoje.” (YF, 58 anos).

Os próximos relatos colocam em evidência uma ideia muito recorrente: o desejo de filiar-se ao grupo como uma decisão individual:

“Eu entrei pra torcida totalmente sozinha. Sempre tem alguém que você acaba encontrando, né? Eu nunca tive muito amigo botafoguense, é um fato. Na escola era eu e mais dois. Já na faculdade tinha um amigo meu, mas que

não ia a todos os jogos. Aí eu sempre tentando carregar uma amiga, tentando carregar alguém. Eu sempre gostei de ir a todos, não só em final, essas coisas. Eu acho que entrei pra torcida pra isso, tu chega lá e conhece todo mundo. Não tem mais isso de ter que ir com alguém. Eu entrei pra torcida foi em 2007. Pra Loucos. Na verdade, foi a final da taça Guanabara de 2007. [...] Aí eu vi um menino que estudou comigo no Pedro II, mas era aquela pessoa que você nunca falou, só fazia um “oi”. Cheguei: “oi, fulano”. Aí já me enturmei. Ele estava com mais dois amigos, perguntou se eu estava sozinha, falei que me perdi do meu amigo, aí ele: “fica aqui com a gente, bora com a gente.” (LPB, 34 anos).

“É o que eu falei, eu sou muito objetiva, se eu quero aquilo, eu quero aquilo. Eu não sou daquelas, “só vou se alguém for”, isso não me interessa, antes só do que mal acompanhada, né. Eu fui, foi a primeira vez que eu vi aquelas bandeiras, [...] o bandeirão, aí falei: “é isso aí que eu quero”. Comecei a participar dos grupos do Orkut, não tinha WhatsApp, tinha MSN [...]. A reunião deles era sexta feira, na Ponta da Areia, em Niterói. Aproveitei que eu estudava em Niterói, saí da faculdade e fui lá conhecer o pessoal. Eu acho que eles se assustaram, porque as mulheres que tinham lá era mulher de fulano, namorada de cicrano, não tinha mulher independente do jeito que eu fui. Tinha os caras lá, “ah, vou chamar fulana, é botafoguense também, quer entrar pra torcida, mas não tem mulher”. Aí eu falei: “então chama, pô”, aí a gente começou a formar um bondezinho feminino dentro do canil. [...] Eu fui escolhida pela Fúria e é a bandeira que eu defendo até hoje, nunca vesti camisa de outra torcida. Com todas as dificuldades que a torcida teve, eu nunca abandonei, sempre estive presente, sempre carreguei a bandeira da torcida pra outros Estados, nas festas das aliadas, e estou aí até hoje.” (FJB, 32 anos).

No último caso, a torcedora, enfatiza o estranhamento causado nos membros da agremiação por ser uma “mulher independente”, que tomou a iniciativa de se apresentar sozinha, sem a intermediação de outro homem, fato raro, como percebeu. No entanto, ao invés dessa postura ser recriminada, foi vista positivamente, podendo inclusive estimular outras mulheres. Dessa forma, ela rapidamente acaba assumindo a função de organizar “um bondezinho feminino”. E conclui reafirmando sua fidelidade “à bandeira” que escolheu representar e defender, independente das adversidades.

As duas histórias abaixo contribuem para entender que a filiação à torcida é, também, fruto de um processo. Primeiro mencionam a relação que tinham com outra torcida do clube. Porém, a convivência, o acolhimento e as amizades originadas nas caravanas (ocasiões em que várias torcidas viajam juntas) influenciaram na decisão de mudar de grupo.

“Foi uma paixão à primeira vista. Eu ia no estádio com duas amigas, só que elas assistiam os jogos na Raça. Eu sempre ficava olhando a Jovem, não sei o porquê. Dali eu fui fazendo amizade, todo mundo se falava, nas viagens eu

fui conhecendo gente...Eu primeiro frequentei a Raça, logo depois fui pra Força Independente [...]. Aí, numa viagem pra Belo Horizonte, eu comecei a ter amizade com o pessoal, todo mundo viajou no mesmo ônibus. Independente e Jovem. Foram dois ônibus, nós fomos junto com eles. Dali eu comecei a fazer amizades, conheci meu namorado, e daí eu pulei.” (TJF, 57 anos).

“Eu comecei a ir sozinha em 1986, quando eu entrei para a FlaPonte⁷, o João me recebeu, cuidava de mim. Eu sempre ia. Eu fiquei uns 2 anos indo com a FlaPonte, direto. Teve um jogo Flamengo e Palmeiras no Morumbi e o João não botou ônibus pra ir. E eu queria muito ir, seria meu primeiro jogo fora do Rio. Foi aí que eu fui com a Torcida Jovem do Flamengo. [...]. Aí eu fui nessa viagem que o Cemir me chamou. Ali eu falei “acho que me encontrei, é a Torcida Jovem”. Certo dia ele falou da viagem pra São Paulo, perguntou se eu queria ir, falei “quero”. Fui nesse jogo, Flamengo ganhou, aí quando voltei já fui lá na Atorfla⁸, e falei: “Capitão Léo, quero fazer minha carteirinha, quero entrar pra Jovem”. Na época, a salinha da Jovem era dentro da Gávea, tinha uma associação das torcidas organizadas dentro da Gávea.” (TJF, 52 anos).

Essas e outras explicações indicam que nos anos de 1980 havia mais abertura para as mulheres participarem das viagens, oportunidades privilegiadas na iniciação na torcida organizada e uma etapa importante da socialização nesse estilo de torcer.

A partir da década de 1990 observa-se o estabelecimento de uma lógica agonística no relacionamento entre as torcidas organizadas no Rio de Janeiro com o acirramento das rivalidades e o aumento dos confrontos físicos e mortes. A escalada de violências intergrupais parece figurar entre os fatores responsáveis pela proibição das mulheres em caravanas para jogos considerados perigosos.

“Eu amo a Torcida Jovem, foi minha história de vida e aprendi muito na Torcida Jovem. Eu aprendi a ser humana, eu aprendi a respeitar, eu aprendi tudo sobre o Flamengo na TJF. Eu não tive problema nenhum quando entrei pra Jovem, pelo contrário, fui muito bem aceita, os meninos cuidavam de mim, nunca fui proibida de ir a jogo nenhum. E hoje em dia tem uma bobeira de “mulher não pode ir pra jogo tal”. Pô, pra que fazer parte de torcida então?” (TJF, 52 anos).

Se por um lado, a torcedora valoriza as aprendizagens propiciadas pela torcida e a liberdade e acolhimento vivenciados no passado, hoje faz críticas a mudança de postura. Ela não é a única. Muitas reclamam e não aceitam as justificativas de que são fisicamente mais frágeis, e sua presença nessas viagens

⁷ João Simões, fundador e presidente da Torcida Falcões da FLAPONTE, torcida de São Gonçalo, Rio de Janeiro, muito influente nos anos de 1970 e 1980.

⁸ ATORFLA (Associação de Torcidas Organizadas do Flamengo).

deixaria a torcida mais vulnerável, já que os líderes alegam que teriam que protegê-las⁹.

Esse argumento da “fragilidade” é contestado por aquelas que entendem que, ao entrar na torcida, sabem dos riscos a que estão expostas e querem ter o direito de decidir.

“Eu sou muito respeitada, mas também sou muito desrespeitada. Não sou uma exceção. Todas em algum momento sofrem algum preconceito, algum desrespeito, alguma hostilidade. As mulheres estão ganhando mais espaço e voz como torcedoras. Querendo ou não, a mulher tem sua importância. A mulher já conseguiu muito espaço na torcida. Eu nesses meus 15 anos já vi muita coisa mudar, mas acho que tem que mudar muito. [...] O grande problema do homem com a mulher é esse desrespeito, e também parar de ver a mulher como sexo frágil que vai atrapalhar uma briga, quando muitas das vezes a mulher ajuda. Como te falei, tem mulher que se envolve real em briga. Eu já tive envolvida em briga. Óbvio que vai ter uma preocupação, mas não por ser mulher. Essa preocupação tem que ser com todos. Tem que mudar muito essa questão do respeito.” (FJV, 32 anos).

Nota-se, na avaliação acima, a constatação de que mesmo as mulheres tendo conquistado mais espaço nos últimos anos, e que a entrevistada se sinta respeitada, ainda sofrem hostilidades e vivem situações de desrespeito. O fato é que precisam lidar com comportamentos machistas e sexistas, como a suspeição de que possam se envolver sentimentalmente com adversários e, assim, revelar planos, estratégias e assuntos internos do grupo. Contudo, envolver-se afetivamente com membros da própria torcida pode, igualmente, ser desaprovado. Dessa maneira, códigos implícitos ou explícitos sobre a conduta esperada das torcedoras promovem visões e ações estigmatizantes, gerando indignação:

“Ainda existe muito preconceito. Como é um meio muito masculino, e digo que era meu único lugar de distração, de lazer, meu lazer eram os jogos, as festas da torcida, então, você acaba tendo relacionamento dentro da torcida. A mulher não pode se relacionar com um, depois com outro, que fulana é piranha. Dizem que ela está na torcida só atrás de macho. Mas o homem não, o homem é o cara, tá certo em pegar um monte. Durante muito tempo minhas amizades de torcida organizada eram só de torcida organizada, então as relações afetivas vão ser dentro da torcida organizada. Mas pra mulher isso ainda é muito mal visto.” (FJV, 32 anos).

⁹ Não há consenso sobre esta questão. Há torcedoras organizadas que concordam com os homens, se posicionando contra a presença feminina em jogos em outros estados em que há risco de conflitos.

“Eu sofri, sofro até hoje o machismo, mas eu pego todo esse machismo e transformo em força. Assim como tem mulher errada, tem homem errado também, mas ninguém vai lá e cobra um homem do mesmo jeito que cobra a mulher. Homem não tem argumento pra discutir com mulher, a gente fala “você fez isso, você fez aquilo”, já o homem não aponta o erro da mulher, já vem com “ahh, você é piranha, você é isso, você é aquilo”, mas não aponta meu erro. Eu falo “tá bom, eu sou piranha, mas qual foi o meu erro aqui dentro da torcida? Vamos lá, vamos começar”. Não tem né, se teve não falaram. Eles só sabem xingar. Mas eu tive muito preconceito, muito machismo. Um dos machismos era que mulher não podia ir em caravana. E vou te falar, aqui no Rio as torcidas são mais maleáveis com mulher do que as torcidas de fora.” (FJB, 32 anos).

De acordo com Carolina Moraes (2018, p. 60-61), ainda que as torcedoras organizadas venham adquirindo maior visibilidade para suas solicitações “elas permanecem em um limbo de eternos arranjos e negociações para o desempenho de seu ato e/ou modo de torcer”. Restrições e proibições desencadeiam embates e, em alguns casos, “desobediência”, quando por exemplo, resolvem viajar por conta própria.

“Esse negócio de mulher não poder porque é perigoso, isso eu sei, se fosse pra não ter perigo eu teria ido pra Loucos, teria virado Loucos, teria virado Botachopp ou ficava em casa. Eu sei dos riscos que a Fúria corre e eu quero viajar, eu sou maior de idade. É o que eu falo para as meninas, vocês estão entrando na Fúria Jovem do Botafogo, isso aqui não é Disney que tu vai pegar um pirulito e brincar de torcida. O bagulho aqui é sério e você tem que levar isso aqui pra sua vida. Já houve vezes que eu peguei minha mochilinha e fui de rodoviária sozinha, de chegar lá e os cara pirarem o cabeção de me ver lá, porque eu não aceitava de ser banida de viajar.” (FJB, 32 anos).

Considerações Finais

Um ponto que gostaria de realçar é que o projeto de tornar as histórias de vida dessas torcedoras organizadas visíveis não significa que elas estejam sendo tomadas como evidências que possam ser generalizadas para as partícipes de tais agremiações. Aqui, parte-se do pressuposto de que a categoria “mulheres-torcedoras” não constitui uma identidade fixa e imutável e as experiências compartilhadas não devem ser essencializadas, mas historicizadas e compreendidas na sua diversidade e desigualdade (SCOTT, 1999).

Um balanço inicial das narrativas permite formular algumas interpretações. Uma pista a ser perseguida e confirmada indica que, mesmo com os problemas enfrentados, nas décadas de 1970 e 1980 no Rio de Janeiro, as

torcedoras pareciam desfrutar de mais liberdade e autonomia na dinâmica dos agrupamentos¹⁰. Ainda que sejam espaços predominantemente masculinos, aquelas que se filiavam eram aceitas no cotidiano das torcidas, engajando-se, inclusive, em tarefas de organização em diferentes esferas e atuando junto a lideranças. Nas visões retrospectivas, a experiência é traduzida pelo círculo de amizades construído, pelas aprendizagens, pelos momentos compartilhados e pelo impacto da torcida em suas vidas.

“É uma das experiências mais incríveis que eu tive na minha vida. Dentro de uma torcida se conhece o que é bom e o que é ruim, se cria inimizades e muitas amizades. Eu tenho amizades pessoais, povo que frequenta minha casa. Era uma coisa muito mágica. O que eu mais gostava no estádio era aquela festa, a coisa de todos estarem juntos. No estádio, a gente ficava revoltado junto, em casa a gente fica triste, mas não tem o que fazer. No estádio é todo mundo junto na alegria e na tristeza. É uma experiência muito louca, até porque a gente já presenciou muita briga, muita correria. Já presenciamos a parte ruim, as brigas, as brigas internas.” (FJV, 32 anos).

“A Jovem mudou a minha vida. A Jovem me remete a muita coisa, muita emoção, muito amor. Eu tenho amor pela Jovem, mas eu amo aquela Jovem que eu vivi, não essa de hoje. Quando a gente se encontra é muito engraçado. É tudo que a gente olha pra trás e acha graça, se diverte. Imagina se não tivesse essas histórias pra contar? Como tudo na vida tem seu lado bom e seu lado ruim. O meu lado ruim é que eu sofri demais, só eu sei o que é viver na mentira, ter que esconder um fato dos outros. A gente viajava e não podia passar numa blitz. Ir no Rio de carro eu tinha medo. Foram muitas coisas que eu abri mão na vida por 1 centésimo de loucura de outra pessoa, que não foi nem eu, mas foi uma coisa que eu escolhi. Mas também não me arrependo, a vida passou, várias coisas serviram de aprendizado, e não me arrependo de nada não.” (TJF, 44 anos).

Levando em conta as declarações acima, depreende-se que assumir a condição de torcedora organizada significa partilhar coletivamente a dimensão “mágica e louca” dessa paixão, que inclui tanto as festas, as amizades, a união, as aventuras em viagens, quanto as brigas, os medos, as inimizades, os segredos, os sacrifícios e as renúncias.

Na abordagem etnográfica dos sentimentos “o que importa não é o sentir interno, próprio da subjetividade individual, mas sua faceta expressiva, sua capacidade de transmitir e comunicar socialmente” (SIRIMARCO; L’HOSTE,

¹⁰ Vale ressaltar, inclusive, o ativismo de várias lideranças femininas durante os anos de 1970 e 1980, durante a ditadura civil-militar. As torcedoras-líderes organizavam e viajavam em caravanas, conviviam nas arquibancadas e fóruns públicos. Em tempos de repressão e cerceamento de direitos, o futebol se constituiu como espaço associativo potente de formação identitária feminina.

2019, p. 309, tradução minha). Nessa direção, a paixão pelo futebol e pela torcida não é um sentimento dado, espontâneo e natural, mas uma categoria êmica, que ganha sentido no contexto de redes tecidas por e para sujeitos específicos, sendo fruto de aprendizagens sociais. A paixão, do ponto de vista analítico, é uma espécie de matéria-prima para conhecer o mundo do outro, conhecimento esse que se torna possível através de discursos, práticas e ações concretas que a encarnem. Esse sentimento que funda o compromisso com o grupo, é passível de ser capturado devido ao seu caráter público, se manifestando através da expressão oral, gestual e corporal, expressão essa que não se dissocia das marcas identitárias de sexo, gênero, geração, classe, etnia ou ocupação. Dessa forma, a paixão torcedora expõe formas de viver e relações de poder e dominação.

Um dos maiores desafios para as torcedoras é justamente lidar com a desqualificação e inferiorização, como se elas fossem prescindíveis, toleradas apenas no âmbito dos subgrupos femininos no interior de suas entidades. Até que ponto esta estratégia não invisibiliza seu protagonismo?

“Ainda é um ambiente muito pensado para os homens, é como se a gente estivesse ali por acaso.” (LPB, 34 anos).

Guacira Louro (1997) argumenta que as hierarquizações entre feminino e masculino se relacionam ao modo como características sexuais são representadas ou valorizadas. Por isso mesmo, a noção de gênero torna-se fundamental no debate por se tratar de uma categoria de análise que pretende desvendar as desigualdades entre homens e mulheres (SCOTT, 2019). Para levar a cabo essa tarefa, a perspectiva relacional é fundamental, pois padrões de feminilidade e masculinidade estão reciprocamente referidos.

Nas torcidas, as expectativas morais sobre os comportamentos das mulheres se respaldam em concepções naturalizadas que as definem como frágeis, sentimentais, aptas para ações sociais e filantrópicas, mas com dificuldades para desempenharem cargos de liderança. Agir de modo divergente dos padrões convencionados pode resultar em críticas, retaliações e recriminações. No trecho abaixo, a torcedora define a torcida como “um sentido de vida” e reafirma o orgulho que sente da sua trajetória, seu compromisso e sua fidelidade. E se posiciona criticamente sobre aqueles que desmerecem a sua história:

“A torcida? Quase minha vida toda. É um sentido de vida mesmo. Porque eu vivi, vivo até hoje e pretendo viver muito mais. E se me der força, se me der voz pra defender, eu vou defender e não tem pra ninguém. Eu quero ver você ter história dentro da torcida, você ser reconhecida. Eu não fiz isso pra ser reconhecida. Fiz isso porque eu gostava, ia pra tudo quanto é lugar. Viajei pra tudo quanto é lugar, eu só não fui pro Acre. Por isso que eu falo, torcida organizada depende da fase dela. Hoje em dia, sem condições, “saí daí sua velha, você não entende nada de organizada”. Aí xingam a gente, mas os que me conhecem não. Eu já briguei, já falei, já botei dedo na cara. Já mandei me respeitar. Tá pensando o quê? A torcida organizada é pra você gostar do time, pra brigar quando não tá gostando do time, agora, não vem fazer merda.” (YF, 49 anos).

Em seu estudo sobre as Gaviãs da Fiel, Andrade (2022, p. 90) expõe “que algumas mulheres constroem suas experiências de gênero a partir das experiências de masculinidades impostas pelos homens que compõem e organizam a torcida”. Assim, a performance corporal da torcedora se constitui e se exprime em um meio marcado por “premissas masculinas”. Há códigos que regulam a conduta de torcedores e torcedoras. Mas as regras, que foram definidas e acordadas entre homens, têm sido discutidas e questionadas pelas mulheres que, com o propósito de ampliar seu espaço de influência, estão cada vez mais “dispostas a enfrentar as dificuldades para demonstrar o amor pelo seu clube e a paixão por sua torcida organizada”. (MORAES, 2018, p.114).

Se a opressão sobre as mulheres aumentou ao longo dos anos, isso não arrefeceu o seu sentimento de pertencimento (ANDRADE, 2022, p. 17). Para defendê-lo, diálogos entre torcedoras de diferentes torcidas têm sido fomentados para discutir estes problemas e definir estratégias conjuntas de combate aos preconceitos e estigmas. Um marco dessa tomada de consciência foi o I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, evento inédito que reuniu mais de 300 torcedoras no Museu de Futebol em 2017¹¹. Sob a bandeira “Resistência e Empoderamento”, torcedoras organizadas de vários estados da federação compartilharam suas dificuldades e episódios de machismo. Além do mais, elencaram alternativas e formularam propostas para lutarem coletivamente por mudanças, amplificando suas vozes para obter reconhecimento e respeito, dentro e fora dos agrupamentos. Dessas trocas, iniciou-se um processo de

¹¹ Disponível no canal do Museu do Futebol em:
<<https://www.youtube.com/user/museudofutebols paulo/search?query=encontro+nacional+torcedoras>>. Acesso em 14/03/2023.

conscientização sobre os benefícios de se organizarem para transformar a insatisfação em ação coletiva.

“Foram mais de 300 mulheres, de torcidas de todo Brasil e eu fiquei bem impressionada. Eu pensei que não ia dar ninguém, mas ver que outras mulheres têm o mesmo pensamento que a gente de se unir, sem vaidade e fazer uma coisa em prol de todas, é o que eu falei “a luta não é só minha, é de todas.” (FJB, 32 anos).

Desde a primeira década dos anos 2000, o associativismo torcedor em torno do futebol profissional masculino no Brasil vem passando por profundas mutações. Mobilizações coletivas, constituição de coalizões mais amplas para defender interesses, negociações, elaboração de documentos e ativismo nas arenas públicas estão entre as iniciativas que podem ser citadas. Duas referências desse processo são a Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (2008) e a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (2014). O Movimento Mulheres de Arquibancada (2017) e o Movimento Feminino de Arquibancada (2019) simbolizam mais uma importante face dessa virada vivida pelo associativismo no país em prol da união das mulheres no enfrentamento das dificuldades vividas no âmbito das torcidas, mas igualmente na busca de medidas institucionais contra o assédio e o machismo nos estádios de futebol. (TEIXEIRA; MOREIRA, 2025). A paixão da torcedora pelo clube e torcida pode ser entendida aqui como um combustível para a organização e definição de ações coletivas para defender causas e contestar as hierarquias de gênero.

As torcidas organizadas, com o propósito de modificar a visão condenatória que se têm sobre elas, precisam incluir as demandas das torcedoras, romper com esse silenciamento e esquecimento “deliberados”, se abrindo para suas reivindicações internas. Escutar, apoiar e valorizar as vozes e iniciativas dessas mulheres que participam ativamente da construção dessa experiência coletiva, é parte da sua luta. Nas discussões contemporâneas sobre a busca de reconhecimento social por parte de coletivos e entidades, um pressuposto básico é o de que, na esfera pública do direito e da política, ela expressa o anseio por respeito, consideração e o desejo de escapar da exclusão e estigmatização (CAILLÉ, 2007).

As reflexões aqui iniciadas aspiram contribuir com novas interpretações que redimensionem as narrativas sobre o lugar, o papel e as efetivas contribuições

das mulheres na história do torcer. Esse texto é tão somente o primeiro tempo desse jogo.

Referências

ANDRADE, Marianna Castellano Barcelos. **Para além da arquibancada: uma etnografia sobre as “Gaviãs” da Fiel**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos, 2020.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CAILLÉ, Alain. Introduction. **La quête de reconnaissance**. Nouveau phénomène social total. Paris: Éditions La Découverte, 2007.

CAMPOS, Priscila A. F. **Mulheres Torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Dissertação (Mestrado em Lazer) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

COSTA, Leda M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, n.4, p.1-31, 2007.

DAMO, Arlei. Paixão partilhada e participativa- o caso do futebol. **História: Questões & Debates**. Curitiba, v.57, n.2, p. 45-72, 2012.

FEDERICI, Silvia. A história oculta da fofoca. **Mulheres, caça às bruxas e resistência ao patriarcado**. Boitempo, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de, TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Brazil's organised football supporter clubs and the construction of their public arenas through FTORJ and ANATORG. In **Football fans, rivalry and cooperation**, editado por Christian Brandt, Fabian Hertel e Sean Huddleston, 76-91. Nova York: Routledge, 2017.

INGOLD, Tim. **Antropologia. Para que serve**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAGNANI, José Guilherme. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n.32, p.129-156, jul./dez., 2009.

MANDELLI, Mariana. Mulheres e o torcer: algumas conquistas, muitas perspectivas e infinitas batalhas. **Ludopédio**, São Paulo, v. 141, n. 16, 2021. Disponível em https://ludopedio.org.br/arquibancada/mulheres-e-o-torcer-algumas-conquistas-muitas-perspectivas-e-infinitas-batalhas/#google_vignette Acesso em 13/12/2025.

MORAES, Carolina Faria. **As torcedoras (querem) poder torcer**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. 157 p.

NAVES, Santuza Cambraia Naves. A entrevista como recurso etnográfico. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.14, n.21, p.155-p.164, jul./dez. 2007

PESSANHA, Nathalia F. **Arquibancada Feminina**. Relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2020. 158p.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SCOTT, Joan W. **Experiência**. Tradução de Ana Cecília Adoli Lima. Publicação autorizada pela autora. (N.O.) Uma versão maior desse ensaio foi publicada no **Critical Inquiry**, 17 (Summer 1991) p. 773-97. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf Acesso em 02/04/2023.

SILVA, Carolina Fernandes da et al. As mulheres na torcida jovem do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo. v. 8. n. 29. p. 197- 204, Maio/Jun./ Jul./ Ago. 2016.

SILVA, Elisabeth Murilho da. A mulher nos estádios: das plumas ao disfarce. dobra [s]: **Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, ISSN 1982-0313, ISSN-e 2358-0003, Vol. 4, Nº. 9, 2010, págs. 50-60.

SIRIMARCO, Mariana; L'HOSTE, Ana Spivak. Antropología y emoción: reflexiones sobre campos empíricos, perspectivas de análisis y obstáculos epistemológicos. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 299-322, maio/ago. 2019

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. A Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil na arena pública: desafios de um movimento coletivo, in Antípoda. **Revista de Antropología y Arqueología**, vol. 30, pp. 111-128. 2018. Disponível em https://issuu.com/publicacionesfaciso/docs/revista_antipoda_no._30. Acesso em 20/02/2025.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**. Visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: AnnaBlume, 2004.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; LOPES, Felipe Tavares Paes. Reflexões sobre o “Projeto Torcedor” alemão: produzindo subsídios para o debate acerca da prevenção da violência no futebol brasileiro a partir de uma perspectiva sócio-pedagógica. **Revista de Antropologia**. v. 61, n. 3, p. 130-161, 2018.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; MOREIRA, Veronica. Movimentos associativos femininos e feministas no futebol do Brasil e Argentina: dilemas e perspectivas principais de suas ações coletivas. **Ponto Urbe**, 33(1), e234390. Disponível em <https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/234390> Acesso em 13/12/2025.

VELHO, Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. RJ: Jorge Zahar Ed., 1994. p.11-30.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Cláudia. Apresentação. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 7-21, maio/ago. 2019.